

## Tenha modes

### *Uma solução à pobreza menstrual*

Desde que o Instituto Rosa e Sertão, organizado por mulheres, recebeu o projeto Dona do Meu Fluxo (DMF), em 2017, no Parque Nacional do Grande Sertão Veredas, a professora de música Daiana Campos, 38, de Chapada Gaúcha (MG), e cerca de 200 colegas de municípios como Sagarana não usam mais absorventes. Aderiram ao coletor menstrual.

"Foi uma descoberta revolucionária. A princípio, era estranho, um objeto no útero, mas depois consegui sentir melhor como se usa. Hoje, é superprático e consigo fazer minhas atividades diárias, caminhadas e andar de bicicleta", conta ela. Sua namorada, a também musicista Rafaela Carneiro, 27, resolveu adotar o método em outubro: "Comprou agora. Está esperando a bendita descer para usar pela primeira vez", revela Daia: "É bom porque não impede de namorar".

Dispensando os modes, a sertaneja critica a decisão de Jair Bolsonaro que trouxe à tona a discussão sobre pobreza menstrual — no último dia 7, o presidente vetou a distribuição gratuita de absorventes. "Eu não conhecia esse projeto, mas vejo como uma decisão negativa, pensando na questão social, porque muitas famílias não têm condições de bancar sua saúde higiênica", opina ela, a respeito da sanção à medida do PL 4968/2019.

Responsável por introduzir o coletor menstrual no cerrado, a turismóloga mineira Mariana Madureira vai além: "Seria incrível se não só fosse garantido o acesso a produtos de higiene menstrual, mas esses itens fossem ainda ecológicos e saudáveis!"

Há quatro anos, Madureira lançava o DMF, parceria da sua empresa, a Raízes Desenvolvimento Sustentável, voltada à geração de renda e autonomia feminina em comunidades pobres, com uma fabricante de produtos criados para "aqueles dias", a Korui, de Florianópolis (SC).

Desde que surgiu, há meia década, a iniciativa já distribuiu mais de cinco mil coletores em várias regiões do Brasil. Deve entregar outros três mil nos próximos meses.

Na ação de estreia, realizada em regiões como o Vale do Jequitinhonha, a mais pobre do Brasil, já foram 450 unidades distribuídas entre os mineros — quase metade dessas destinadas às integrantes do Rosa e Sertão. As doações foram feitas junto a *workshops* para ensinar às mulheres como utilizar o acessório.

O coletor menstrual é uma espécie de copinho de silicone, similar a um funil, em três tamanhos (25, 29 e 34 ml) e com dez anos de validade. Diferente dos absorventes convencionais, não contém alergênicos. São vendidos a R\$ 79 a unidade, substituindo o uso de dois mil *modess* durante a vida fértil de uma

mulher. A economia é de R\$ 6.000, sem falar na questão ecológica: evita-se o descarte de 150 quilos de resíduos nesse período.

"A Korui já impediu o descarte de 150 milhões de absorventes, ou 2,3 mil toneladas de lixo. Se colocados lado a lado, esses absorventes dariam uma volta completa no planeta", afirma a dona da companhia, Luiza Alves. Com fornecedor em São Paulo, a Korui aferiu um salto de 372% nos lucros da empresa entre 2018 e 2020, conforme as ações com a Raízes, especializada no lado social, avançaram.

A nível global, os coletores menstruais devem gerar US\$ 963 milhões por ano em 2026, de acordo com uma previsão da consultoria Technavio. O produto surgiu nos anos 1930, mas passou décadas desconhecido por causa de uma série de tabus menstruais. Popularizou-se apenas no século 21, segundo as conhecedoras do assunto.

"No Pará, as ribeirinhas menstruadas não se banham no rio porque acham que atrai o boto. E também tem aquela coisa de cachorro ir atrás — isso é um fato", observa Madureira. "O coletor não deixa cheiro, então os cachorros não seguem", acrescenta.

Em 2020, a iniciativa distribuiu mil coletores no Parque Indígena do Xingu (MT). "Lá inclusive tem a barreira da língua, então entregamos para multiplicadores que levaram às aldeias." Em julho, uma ação voluntária do DMF atendeu favelas de grandes cidades (em São Paulo, Rio, Salvador, Recife e Florianópolis).

O movimento tem, por princípio, uma questão ideológica, alinhando o controle menstrual à própria consciência feminina, segundo as integrantes. "O primeiro passo para você ser dona do fluxo da sua vida é ser dona da sua menstruação", defende a líder do projeto. Entre as prioridades, está combater a ideia de que a menstruação é algo sujo, motivo de vergonha nos debates.

Após a polêmica canetada de Bolsonaro, nesse mês, surgiu uma série de programas estaduais para a distribuição gratuita de absorventes espalhadas pelo Brasil, inclusive no DF. "A gente é muito a favor de leis desse tipo, mesmo achando o coletor mais saudável, pois não conseguimos alcançar todo o país. É uma questão de dignidade", afirma Madureira.

Nem todas as mulheres, contudo, se adaptam ao prático utensílio. Em Chapada Gaúcha, por exemplo, uma das contempladas pelo projeto, Adriana Pereira, não se acostumou a utilizá-lo. "Pois é. Não sei se é porque meu fluxo menstrual é muito intenso. Aquilo me dava muita cólica, incomodava", conta.

Adriana trabalha numa farmácia, onde distribuem camisinhas de graça. Uma colega sua não entende porque os absorventes estão fora, no limite, da cesta básica. "Pra mim, não é caro. Mas tem muita gente sem condição, principalmente na roça", observa. É costume entre mulheres, segundo ela, para evitar o gasto, usar folha de bananeira e miolo de pão quando estão "de chiko".

Daia, por sua vez, tem até uma superstição em relação ao coletor, do qual nunca arredou o pé. "Plantar lua", ela explica, "é tirar o copinho da vagina, ver o sangue, sua espessura, sentir o cheiro, misturar com água e regar as plantas". Coisa que o absorvente não permite, segundo a representante. "Isso, por si só, já é empoderamento feminino", afirma.

*(reportagem originalmente escrita para a revista **piauí** — outubro de 2021)*